

**ESBOÇO DE UMA VOZ LATERAL: BREVES APONTAMENTOS SOBRE A ESCRITA PORTUGUESA E AS GUERRAS DE DESMEMBRAMENTO DA JUGOSLÁVIA NO FINAL DO SÉCULO XX<sup>1</sup>**

**OUTLINE OF A LATERAL VOICE: BRIEF SKETCHES ABOUT PORTUGUESE WRITING ON THE WARS OF YUGOSLAV DISINTEGRATION AT THE END OF THE XXTH CENTURY**

**ESBOZO DE UNA VOZ LATERAL: BREVES APUNTES SOBRE LA ESCENA ESCRITA PORTUGUESA Y LAS GUERRAS DE DESINTEGRACIÓN DE YUGOSLAVIA DE FINALES DEL SIGLO XX**

Francisco Nazareth  
Universidad de Santiago de Chile  
francisco.nazareth@usach.cl

**Resumo:**

Este trabalho propõe um estudo – com desenvolvimento posterior - sobre os escritores portugueses que refletiram acerca das guerras de dissolução da última Jugoslávia, no final do século XX. Para tal, ele parte do meu próprio posicionamento enquanto alguém que viveu nos Balcãs durante 11 anos e que tem alguma experiência do lugar. A minha convivência com as pessoas e as minhas viagens pela península colocaram-me numa posição privilegiada (o que não quer dizer melhor) para poder refletir sobre esse espaço e os seus tempos, tendo em conta as próprias idiossincrasias dentro das quais se situa a minha perspetiva.

**Palavras-chave:** Balcãs, Jugoslávia, escrita, história, antropologia, nacionalismo, geopolítica.

**Abstract:**

This work proposes a study – with a subsequent development – about Portuguese writers who reflected upon the Yugoslav Wars of destruction that happened at the end of the Twentieth Century. For that, it takes as its point of departure precisely my positioning as someone who lived in the Balkans for eleven years and has some experience of the place. My coexistence with the local peoples and my travels throughout the peninsula placed me in a privileged position (which is by no means the best) to be able to think about that space

<sup>1</sup> Este trabalho corresponde ao Projeto de Pós-Doutoramento “A Escrita Portuguesa e as Guerras de Desmembramento da Jugoslávia” a ser apresentado no “Centro de Estudios Avanzados-Universidad de Playa Ancha”, Traslaviña 450, Viña del Mar sob a direção da Professora Daiana Nascimento dos Santos, diretora da Cátedra Fernão de Magalhães existente na referida Universidade; o trabalho estabelece uma ligação cultural entre a referida cátedra e o Leitorado do “Instituto Camões” na Universidade de Santiago do Chile (USACH) com extensão à Universidade do Chile (UCHILE), pelo qual sou responsável, em ligação com a Embaixada de Portugal em Santiago do Chile.

and its own times, taking also into account the idiosyncratic nature that obviously brands every perspective.

**Keywords:** Balkans, Yugoslavia, writing, history, anthropology, nationalism, geopolitics.

**Resumen:**

Con el presente trabajo se propone un estudio, con posterior desarrollo, sobre los escritores portugueses que reflexionaron sobre las guerras de desintegración de la última Yugoslavia, a finales del siglo XX. Para ello, se parte con mi propia perspectiva como alguien que vivió en los Balcanes durante 11 años y que tiene cierta experiencia del lugar. Mi interacción con la gente y mis viajes por la península me colocaron en una posición privilegiada (no superior) para poder reflexionar sobre ese espacio y sus circunstancias; esto, teniendo en cuenta las propias idiosincrasias desde las que se proyecta mi punto de vista.

**Palabras clave:** Balcanes, Yugoslavia, escrita, historia, antropología, nacionalismo, geopolítica.

**Recibido:** 30 de abril de 2021

**Aceptado:** 12 de junio de 2021

É um lugar comum dizer-se que a história é sempre escrita a partir da voz dos vencedores. No caso das guerras de desintegração da Jugoslávia no final do século XX, esta asserção é ainda mais clara por algumas razões. Em primeiro lugar, porque a desintegração não ocorreu apenas por fatores endógenos, mas sim (e talvez sobretudo) por razões exógenas, ligadas a questões de interesse das grandes potências e a aspetos ligados ao contexto geopolítico geral que correspondeu ao final da Guerra Fria e à derrocada dos regimes comunistas da Europa de Leste.

Por outro lado, e não de menor importância, por razões ligadas à perceção cultural do espaço dos Balcãs em geral (contexto no qual a Jugoslávia se inseria) a partir da visão externa europeia na sua história, tendo em conta o modo como esta se desenrola a partir, sobretudo, dos séculos XVIII e XIX. Tendo como linhas de força estes dois pilares nomeados, é preciso mencionar ainda o “regime de verdade” (expressão que vou buscar a Michel Foucault) inerente ao nacionalismo e ao modo como as suas categorias e o seu “discurso de poder”<sup>2</sup> - de cariz exógeno aos Balcãs e incorporado às textualidades locais a partir da influência estrangeira, exercida sobretudo no século XIX – reajustam as estruturas

<sup>2</sup> Para uma visão da interpretação que faço sobre as ideias de Foucault na sua relação com o regime de verdade do nacionalismo, ver (especialmente o primeiro capítulo): Nazareth, Francisco. *Monumentalidade Apócrifa: Discurso, Currículo e Poder*. 2017. Universidade da Porto, Tese de Doutoramento.

de construção espacial e territorial num contexto eminentemente rural e cujas identidades e subjetividades não se construíam sobre esse pilar, mas sim sobre lógicas de pertença muito mais marcadas pelo ritmo das estações do ano, pela marca das religiões monoteístas (aí praticadas) e pelas alianças forjadas em torno de ofícios em sociedades pouco letradas e, consequentemente, avessas a ideias abstratas. Cumpre ainda dizer que a península esteve marcada durante cerca de um milénio (na realidade, mais) pela presença de impérios que estruturaram a troca simbólica de relações de poder entre as populações em função dos seus interesses e não obviamente dos destas (pouco articuladas, aliás, em arquivos discursivos inteligíveis numa lógica contemporânea e que, exatamente por isso, não podem ser revistas no contexto desta, já que seria cair no erro do historicismo ler essas lógicas a partir do presente sem as situar no contexto em que ocorreram). De facto, após a crise do Império Romano, os Balcãs estiveram durante séculos sob a “batuta” de Bizâncio (com a consequente reconfiguração das identidades a partir desta lógica de poder) e, posteriormente, dentro do contexto dos Impérios Otomano e Austro-húngaro. Estas presenças, aliás, são as que mais marcam as ocorrências do século XX, entre as quais o surgimento da ideia jugoslava (entre elites croatas, sérvias e eslovenas) e a vivência das “duas Jugoslávias” no contexto geo-estratégico que marcou a história da Europa contemporânea, nomeadamente no século XX.

Mas, nesta breve e inicial contextualização, temos que ir por partes. Quando mencionamos que a desintegração da Jugoslávia teve a ver com fatores endógenos e exógenos, não estamos a exagerar. A “narrativa dos vencedores” (que marcou a perceção mediática do conflito através de uma lógica maniqueísta<sup>3</sup>) tendeu sempre a ver o conflito em função da ideia das “vítimas” (bósnios, croatas e kosovares) e dos “agressores” (os sérvios, primeiro configurados na estrutura do exército jugoslavo (JNA<sup>4</sup>) e depois nas milícias que cometiam massacres em territórios ocupados). Esta visão ignora a complexidade dos fatores envolvidos. Ignora, por exemplo, que os massacres não foram cometidos apenas por milícias sérvias, mas por todos os contendentes envolvidos no

<sup>3</sup> Aquilo a que chamaríamos, não sem uma certa ironia, o “paradigma CNN” pelo papel que esta emissora de televisão teve na disseminação dessa visão. Contudo, para uma correspondência em livro, ver, por exemplo: Kaplan, Robert. *Balkan Ghosts: A Journey Through History*. Vintage Press, 1996.

<sup>4</sup> Literalmente, “Jugoslovenska Narodnija Armija”.

conflito; a existência das milícias sérvias<sup>5</sup> serviu, em grande parte, para ocultar os crimes que eram cometidos por bósnios, croatas e, mais tarde, kosovares.

Isto serviu para integrar a narrativa da guerra na lógica pré-existente que via (e vê!) os Balcãs como sendo uma espécie de excrescência asiática no interior da Europa, ou seja, uma Europa que não é tão europeia como isso. Essa lógica deriva do imaginário da modernidade inicial (no seu discurso de contraste entre o lado “apolíneo” - claro, visível, ordenado – e “dionisíaco” - obscuro, pulsional, caótico – da realidade) que tendeu sempre a ver as coisas a partir de um eurocentrismo endêmico (marcante, por exemplo, na empresa colonial) que registou sempre o “outro” como sendo inferior e bárbaro. Se esta mentalidade é óbvia na relação entre a Europa e as colônias em outros continentes, ela é menos clara no seio da própria Europa, embora exista. É nesse contexto que os Balcãs (em grande parte devido à longa presença do Império Otomano) são vistos segundo uma lógica negativa, semelhante, por exemplo, à que existe na narrativa de Bram Stoker sobre o conde Drácula<sup>6</sup>. Nesta linha, é fácil ver como os sérvios, durante a guerra, foram de certa forma “vampirizados”, isto é, vistos como bárbaros sedentos de sangue.

Por outro lado, esta narrativa maniqueísta oculta também a força que as potências estrangeiras tiveram no acirrar das animosidades e no próprio desenvolvimento do conflito (uma constante, aliás, na história dos Balcãs, pelo menos desde o Congresso de Berlim em 1878<sup>7</sup>). A reconfiguração da geografia da península – mais uma vez – em função da geopolítica das potências deve, por isso, ter em conta o modo como, por exemplo, a Alemanha e a Áustria incentivaram a secessão eslovena e croata, e a maneira como os Estados Unidos intervieram diretamente no arrastar do conflito para a Bósnia. A lógica por

<sup>5</sup> Cumpre mencionar aqui que, quando se fala de sérvios, croatas e bósnios é preciso ter em conta as nuances que essas definições têm na região. Assim, o termo “sérvios” é ambíguo se não se explicar que se trata de sérvios da Bósnia (ou da Krajina) ou de sérvios da Sérvia, uma vez que os sérvios da Bósnia se organizavam em torno sobretudo da “República Sérvia da Bósnia” (mais tarde reconhecida como tal com os acordos de Dayton). Os croatas, por sua vez, podem ser croatas da Croácia ou da Hercegovina (integrados pelos acordos de Dayton na “Federação Croato-Bósnia”). Bósnios, por seu lado, não identifica de que bósnios se trata; como normalmente aqui esse termo refere os muçulmanos da bósnia, ele substitui o termo “bosníacos” que muitas vezes – até com um sentido depreciativo – é usado para o efeito.

<sup>6</sup> Há dois estudos fundamentais sobre estas questões, um que vê o “balcanismo” como uma consequência do “orientalismo” e outro que vai buscar exemplos literários para a subalternidade dos Balcãs em relação à Europa central: Maria Todorova. *Imagining the Balkans*, O.U.P., 1997; Vesna Goldsworthy. *Inventing Ruritania: The Imperialism of the Imagination*. Hurst & Co., 1998.

<sup>7</sup> Ver: Misha Glenny. *The Balkans: Nationalism, War and The Great Powers*, Anansi Press, 2012.

trás destas intervenções foi sempre a visão de um mundo “wilsoniano”<sup>8</sup> baseado na ideia de “auto-determinação”; este princípio ignora claramente a história, a sociologia e a antropologia balcânicas. Ignora, por exemplo, que o corte de fronteiras a “régua e esquadro” sempre foi um rastilho de pólvora responsável pela criação de minorias nos novos estados emergentes<sup>9</sup> e, por isso, a repetição da mesma lógica no final do século XX é uma prova da ignorância internacional, ou seja, de que as grandes potências e a chamada “comunidade internacional”<sup>10</sup> nada aprenderam com os erros do passado. Se, por exemplo, durante a 1ª Guerra Mundial (e imediatamente antes, durante as duas guerras balcânicas de 1912 e 1913) se construiu um “problema” chamado Macedónia (no qual populações de origem búlgara, grega e sérvia forjaram a ambição inerente a estes estados emergentes quanto aos territórios aí existentes), no caso da desintegração jugoslava o reconhecimento das independências eslovena, croata e bósnia ignorou completamente a existência de minorias no contexto dos novos estados emergentes (como foi o caso da região da Krajina na Croácia) e isso foi, obviamente, uma receita para a catástrofe já que, por exemplo, na dita Krajina, a situação não passou sem a resistência da minoria sérvia.

Por outro lado, para uma análise correta do conflito, não podemos esquecer o fator do nacionalismo. Só que o nacionalismo, (que serviu às mil maravilhas para a análise do conflito em função dos tão propalados “ódios ancestrais”, ou seja, de povos com tendência para o barbarismo e para a violência, algo que não teria mudado ao longo dos séculos<sup>11</sup>) não é originariamente balcânico. Como afirma o historiador inglês Mark Mazower<sup>12</sup>, a Europa ofereceu aos Balcãs (vistos como o seu “exterior interior”), por um lado, os instrumentos de reconfiguração das suas identidades de acordo com a lógica da modernidade, mas também, por outro, as armas discursivas com as quais se poderiam destruir mutuamente. É neste contexto que é preciso perceber o nacionalismo. Durante

<sup>8</sup> Referência ao presidente americano Woodrow Wilson e à sua doutrina da “auto-determinação” em termos de uma política internacional de cariz internacionalista, um modelo prescrito universalmente sem ter em conta características contextuais.

<sup>9</sup> Frutos do aparecimento da narrativa nacionalista (uma ideia importada do “centro” europeu) no contexto das novas nações emergentes nos Balcãs e nas suas posturas mutuamente irredentistas em busca de supostos territórios históricos, situados nas fronteiras dos vizinhos. Ver: Mark Mazower. *The Balkans: A Short History*. Random House, 2000.

<sup>10</sup> Um termo vago, utilizado no discurso mediático, mas cujo conteúdo é variável segundo os interesses de quem o aplica, já que ninguém sabe muito bem o que significa.

<sup>11</sup> É esta, por exemplo, a tese de Kaplan: Kaplan (1996).

<sup>12</sup> Mazower (2000).

séculos, as comunidades balcânicas – iletradas, agrárias e fideístas<sup>13</sup> – viveram em torno a um mundo baseado na subsistência, no artesanato utilitário e no contexto cíclico da religião<sup>14</sup>. Por exemplo, no caso otomano, as populações eram divididas de acordo com o sistema do “Millet” (que quer dizer “nação” em turco, mas com um contexto semântico completamente diferente daquele definido pela nação moderna). Os “Millet” eram normalmente configurados em função do tipo de trabalho exercido pelas populações e também das religiões por elas professadas. Cumpre dizer que o Império Otomano foi sempre bastante tolerante para com as religiões não maometanas desde que, por exemplo, fossem cumpridas determinadas regras<sup>15</sup> (as igrejas e mosteiros ortodoxos, por exemplo, não poderiam ser mais altas que as mesquitas e as populações não muçulmanas estavam proibidas de usar a cor verde – a cor sagrada do Islão). Assinale-se ainda que, com as expulsões dos judeus sefarditas da Península Ibérica, estes foram extremamente bem recebidos nos Balcãs (e na zona atual do Ocidente turco, além da área dos Países Baixos) criando pujantes comunidades em cidades como Salónica, Sarajevo, Esmirna e Ruse<sup>16</sup>, na atual Bulgária.

Num contexto como este, a noção moderna de nação fazia muito pouco sentido (ou nenhum!) já que as populações se regiam pelas estações do ano, pelas proximidades profissionais e pelo uso ritualístico e cíclico da religião. Aliás, é possível dizer que isto não

<sup>13</sup> O lugar de sobrevivência do idioma eslavo antigo foi sempre o mosteiro. Graças à tolerância religiosa do Império Otomano, os mosteiros guardaram não só a fé cristã e os seus rituais (expressos em serviços religiosos feitos em língua grega, uma herança do Império Bizantino), mas também textos escritos em língua eslava antiga, procedentes dos trabalhos realizados pelos Monges São Clemente de Ócrida, São Cirílio (daí o nome de “alfabeto cirílico”) e São Metódio, que criaram um alfabeto herdeiro do glagolítico arcaico. Contudo, esses idiomas (que serviram de base às línguas eslavas modernas) estavam apenas ao alcance da minoria letrada de cariz religioso.

<sup>14</sup> O que não quer dizer que fossem “inferiores” ou “primitivas”. O conceito moderno de progresso (algo absolutamente discutível) é que as definiu como tal.

<sup>15</sup> Os abusos e massacres de populações cristãs (hoje celebrados pelas nações balcânicas em função da lógica do martírio) são uma marca, curiosamente, do período tardio do Império Otomano (com o seu processo de modernização - “tanzimat” - que se deixou influenciar pelas ideias oriundas dos árabes, nomeadamente de origem salafita, posterior à queda do Império Mameluco situado no Egito) que coincide com o surgimento de grupos de bandidos de montanha (os chamdos “haidouks”, hoje celebrados na mitologia como heróis da libertação, mas que não passavam de bandos interessados em atacar as caravanas de impostos do “sublime porte”) armados com tecnologia importada da Europa central. A mitologia dos “haidouks” permanece viva e não é errado ver as milícias da guerra da Jugoslávia e as máfias a elas associadas como herdeiras deste banditismo arcaico.

<sup>16</sup> É curioso que o único prémio nobel da literatura búlgaro (o escritor Elias Canetti) seja rejeitado pelos búlgaros como tal por o considerarem como judeu, enquanto que ele sempre se considerou como oriundo de “Rushtuk” (antigo nome da cidade de Ruse). Suíços, ingleses e austríacos reclamam-no como seu (ele foi, de facto, um judeu errante), enquanto que a única terra que ele sempre considerou como sua o rejeita enquanto tal.

é uma coisa exclusivamente balcânica e que aconteceu em toda a Europa<sup>17</sup>. De acordo com os estudiosos do nacionalismo<sup>18</sup>, nomeadamente Patrick Geary, Ernest Gellner, Eric Hobsbawm ou Benedict Anderson, a nação é inerente à emergência do “regime de verdade” (no sentido foucauldiano) da modernidade. Ela corresponde a uma reconfiguração das subjetividades que não poderia acontecer sem alguns fatores essenciais: um estado centralizado, a industrialização, o surgimento da imprensa escrita, a educação curricular homogénea e a existência de um exército. O estado centralizado proporciona a máquina administrativa e judicial homogénea fatora de uma estrutura cívica comum (o chamado “estado de direito”, oriundo da visão cívica do “contrato social” e da cidadania de origem francesa); a industrialização movimenta a circulação de populações essencial ao capitalismo moderno, pondo em contacto gentes que anteriormente se desconheciam e que, por isso, formam novos laços; a imprensa escrita fomenta não só a existência do jornal diário (permitindo às populações “imaginem-se” em função de uma narrativa comum) mas também o surgimento do “romance nacional” (que favorece a criação da noção abstrata de “povo” - uma herança do romantismo alemão e que se generaliza na Europa); a educação baseada num currículo homogéneo (no qual se ensinam a história e a literatura “nacionais”) permite a reconfiguração das identidades em função de valores homogéneos – como por exemplo através de uma narrativa histórica nacional única; o exército permite a passagem à prática desses valores em função da ideia de “território nacional” comum, por oposição ao “outro” - considerado como exógeno, estranho e muitas vezes “inferior” (pela influência da visão da história baseada numa mesma antiguidade do “povo”, que é facilitada – sobretudo no contexto romântico – pela idealização da época medieval como uma espécie de “idade do ouro”<sup>19</sup>).

Ora, como se percebe do anteriormente dito, a “nação”, no seu sentido moderno, só faz sentido a partir das categorias anteriormente mencionadas e que só são postas em prática nos Balcãs (e, arriscaríamos, em outros lugares da Europa) a partir do século XIX.

<sup>17</sup> Ver: Eugene Weber. *Peasants Into Frenchmen: The Modernization of Rural France*. S.U.P., 1976.

<sup>18</sup> Sigo, neste contexto, o modelo modernista de análise da “nação”, que se coaduna perfeitamente com o quadro da genealogia foucauldiana; não sigo, por isso, paradigmas primordialistas, como os que se encontram em Anthony J. Smith ou Josep Llobera, por exemplo.

<sup>19</sup> Data do século XIX o afã romântico pela “descoberta” das raízes ancestrais, que são colocadas na invenção da “nação” baseada numa exploração linguística do idioma “antigo e verdadeiro” e das origens “grandiosas” do povo em obscuros ancestrais medievais. Ver: Eric Hobsbawm e Terence Ranger, Eds. *The Invention of Tradition*. C.U.P., 2012.



Só nesse contexto é que começam a surgir elites (escolarizadas em contexto europeu central, já que as famílias mais ricas enviavam os seus filhos – fossem eles turcos, búlgaros, sérvios, croatas, etc. - para estudarem na “Europa” (esse grande significante identitário) e trazerem consigo os instrumentos fundamentais de reconfiguração de identidades fundamentalmente agrárias e iletradas. São essas mesmas elites que vão fomentar o surgimento de escolas, a descrição gramatical das línguas (vistas como “ancestrais” e “imaculadas”) e a estrutura administrativa que facilita o surgimento das nações emergentes<sup>20</sup>). Mas são também essas elites “auto-colonizadas” (na expressão feliz do intelectual búlgaro Alexander Kiossev<sup>21</sup>) que vão trazer com elas o estigma da falta<sup>22</sup>, isto é o “não somos” suficientemente europeus, educados e civilizados, o que tanto permite uma posição comum em relação ao “centro” europeu (por ser conforme ao modo como este via a região – daí a ideia de “auto-colonização” - pelo menos a partir do imaginário do “Grand Tour”<sup>23</sup>, nos séculos XVIII e XIX, e das literaturas que sobre ele se ergueram), como, por outro lado, uma visão dos outros estados vizinhos em função da mesma “régua” desenvolvimentista<sup>24</sup> (isto é, somos “mais” europeus e eles “menos”). Esta estrutura intelectual do nacionalismo permite não só a emergência, a partir do século XIX, de novas nações, mas também a crescente (baseada na tal “régua” civilizacional) animosidade entre elas que foi aproveitada pelas grandes potências para ser explorada de acordo com os seus próprios interesses, algo que não mudou durante todo o século XX<sup>25</sup>.

<sup>20</sup> É neste mesmo contexto que surge inicialmente a “ideia jugoslava”, vista como um supra-nacionalismo baseado na comunidade da língua (oriunda do eslavónio arcaico) e da identidade étnica (Jugoslávia significa literalmente “terra dos eslavos do Sul”). Ludevít Gaj, Josip Strossmayer, Anton Korosec e Vuk Karadzic, entre outros, fomentaram esta ideia no seio dos emergentes nacionalismos. Não sendo um nacionalismo exclusivista, não deixava, por isso, de partilhar com estes alguns aspetos comuns.

<sup>21</sup> Alexander Kiossev. *The Self-Colonizing Metaphor*, <http://monumenttotransformation.org/atlas-of-transformation/html/s/self-colonization/the-self-colonizing-metaphor-alexander-kiossev.html>. Acesso em 16 mar. 2021.

<sup>22</sup> Para uma visão irónica sobre isto, ver: Aleko Konstantinov. *Bay Ganyo: Incredible Tales of a Modern Bulgarian*. University of Wisconsin Press, 2010.

<sup>23</sup> Chama-se “Grand Tour” à viagem empreendida pelas elites europeias dos séculos XVIII e XIX ao “Oriente próximo” em busca da lascívia e da permissibilidade inerentes ao “turco” licencioso e “exótico”. Esta visão do Oriente esta marcada por exemplo nas pinturas do Harém Otomano que imaginavam mais do que aquilo que a realidade possuía (vejam-se os quadros de Eugène Delacroix sobre o tema).

<sup>24</sup> Eu estava em Zagreb em Janeiro de 2014 quando a Croácia entrou como membro de pleno direito na União Europeia. Precisamente no dia 1 de Janeiro, o jornal croata “Vecerni List” trazia o seguinte título: “good-bye Balkans”.

<sup>25</sup> Segundo Misha Glenny, a partir do Congresso de Berlim (e das guerras do início do século XX) as emergentes nações balcânicas aprenderam uma cruel lição, isto é, que poderiam fazer o que quisessem aos seus vizinhos desde que tivessem o apoio de uma potência internacional: Glenny 149.



Se a presença dos impérios permitia a consideração das populações balcânicas como atrasadas ou primitivas (o Príncipe austríaco Metternich considerava que “a Ásia começava na Landstrasse”, avenida situada na parte Sudeste de Viena) o certo é que facilitava bastante uma convivência multi-étnica entre estas, baseada por exemplo na existência de idiomas próximos e até comuns. No caso otomano, esta convivência era ainda alargada ao plano gastronómico e dos costumes, além da presença (ainda hoje visível) de um enorme léxico de origem turca. Aliás, os criadores da “ideia jugoslava” perceberam desde logo que a melhor maneira de se evitarem conflitos seria a construção de um estado multi-étnico baseado num mesmo idioma e na partilha de tradições comuns. De facto, a segunda Jugoslávia (erguida sobre os escombros da 2ª Guerra Mundial<sup>26</sup> por Josip Broz “Tito”) tinha como tema organizador a ideia de “irmandade e união”<sup>27</sup>, ou seja, de construção de um futuro sobre as bases do que existia de comum e não um estado conflituoso. O grande erro de Tito (por ser um ditador) foi, de facto, não ter sido capaz de criar uma sociedade civil democrática que permitiria a futura entrada de uma Jugoslávia íntegra no espaço da União Europeia. Esse erro foi aproveitado pelas grandes potências para fomentarem a discórdia (e a guerra) de acordo com os seus próprios interesses e de acordo com as ambições de poder de figuras emergentes da elite comunista que se transformaram, quase de um dia para o outro, em paladinos de um nacionalismo que exploraram de acordo com as suas próprias agendas de poder (os casos de Slobodan Milosevic, Franjo Tudjman e Alija Izetbegovic; mais tarde, no Kosovo, também de Hasim Taçi, embora a verticalidade de poder deste no interior do KLA<sup>28</sup> fosse menor do que o das outras “personagens” citadas antes).

O contexto bélico surgido deste mapeamento que vimos traçando levou a interpretações díspares, embora a dominante seja aquela que já mencionámos, ou seja, a visão maniqueísta das “vítimas” e dos “culpados”, estando os sérvios situados apenas neste lugar. As visões deste tipo constituíram um “regime de verdade” feito por ocultação, ocultação essa que ignorou as complexidades da história, da sociologia e da antropologia

<sup>26</sup> Que, de facto, a nível balcânico foi sobretudo uma guerra civil.

<sup>27</sup> “Bratstvo i Jedinstvo” no original.

<sup>28</sup> Sigla em inglês: Kosovo Liberation Army, aliás uma organização definida pelos Estados Unidos como “terrorista” até passar a servir os seus propósitos.

nos Balcãs, em prol de um discurso mediático fácil de captar por massas televisivas ignoras em relação ao contexto balcânico e ávidas de um “bode expiatório”.

É neste contexto que pretendemos analisar a escrita portuguesa<sup>29</sup> como lateralidade que não é em si mesma homogênea. Entendemos aqui “escrita” como algo lato, que depende de um discurso pré-existente e que não tem ambições de autoria no sentido do autor como algo autónomo e criador independente de um contexto onde se insere. Trata-se da escrita, por isso, como um discurso no sentido lato, que permite a descoberta das suas tensões interiores como pertencendo a contextos que, neste caso, respondem pela noção foucauldiana de “resistência”, isto é, de algo que irrompe no seio dos discursos dominantes disputando-os lá mesmo nos seus “locus” de enunciação.

Contudo, o abraço à complexidade regional é, quanto a nós, facilitado por certas nuances. Em primeiro lugar, a distância. Os escritores portugueses<sup>30</sup> (no caso que nos vai interessar, e não sendo exaustivo, os seguintes: José Manuel Arsénio, Álvaro Guerra, Carlos Santos Pereira, Carlos Branco, Pedro Caldeira Rodrigues, José Rodrigues dos Santos, entre outros) - e friso de novo que a noção de escrita aqui usada não é apenas literária mas alargadamente discursiva, no sentido de uma ordem deste tipo que se apresenta como “resistência” - precisamente no sentido foucauldiano – ao espaço do “arquivo” dominante e que se apresenta como “outra” desafiando o modelo do “único”<sup>31</sup> - estão demasiado distantes das “zonas de interesse” que se posicionaram perante os Balcãs. De facto, a história de Portugal nunca teve uma relação direta com a “outra” periferia da Europa, exceto se pensarmos que a descoberta do caminho marítimo para a Índia constituiu um rude golpe na anterior “rota da seda” que passava precisamente pelos Balcãs. Talvez por isso, durante o tempo em que vivi na Bulgária (11 anos) eu fosse considerado “exótico” (palavra

<sup>29</sup> Este trabalho que agora se apresenta, possui um cariz introdutório a um estudo que vai ser desenvolvido posteriormente. É por isso que não se faz aqui uma análise exaustiva dos textos de escritores portugueses sobre as guerras de desintegração da Jugoslávia, uma vez que a ligação entre esses testemunhos escritos e as circunstâncias históricas, sociais e políticas que permitiram a sua emergência irá ser tratada depois, em artigos parelhares, que envolverão análises centradas na obra de cada um dos autores que escolhemos.

<sup>30</sup> Ver, por exemplo, os seguintes textos: José Manuel Arsénio. *O Sobrevento Jugoslavo: A Tragédia Balcânica Presenciada por um Português*. Prime Books, 2007; Álvaro Guerra. *Crónicas Jugoslavas*. Dom Quixote, 1996; Carlos Branco. *A Guerra nos Balcãs: Jihadismo, Geopolítica e Desinformação*. Colibri, 2016; Carlos Santos Pereira. *Da Jugoslávia à Jugoslávia: Os Balcãs e a Nova Ordem Europeia*. Cotovia, 1999; Pedro Caldeira Rodrigues & Stevan Niksic. *O Vírus Balcânico: O Caso da Jugoslávia*. Assírio & Alvim, 1996; José Rodrigues dos Santos. “A Desintegração da Jugoslávia”. *Crónicas de Guerra: Volume II*. Gradiva, 2012, pp. 283-527.

<sup>31</sup> Para a minha interpretação da noção de “resistência” em Foucault, ver o primeiro capítulo da minha tese de Doutoramento: Nazareth (2017).

que ouvi várias vezes). Não num sentido negativo, mas no sentido de algo distante, difícil de entender e também curioso (o que acaba por ser recíproco na forma como muitos portugueses – e cidadãos ibéricos em geral – olham para esse lugar distante, misterioso e místico, que afinal nada tem enquanto tal). É por isso que, na sua grande maioria, a escrita portuguesa sobre a guerra não parte para esse contexto com demasiadas categorias pré-concebidas e por isso estereotipadas<sup>32</sup>. Essa distância<sup>33</sup> permite, como tal, uma visão mais serena (e com menos lugares comuns) do que aquela emergente dos espaços que sempre tiveram uma relação com a “Ásia na Europa” ou com o “homem doente da Europa”<sup>34</sup>, designações pejorativas usadas como referência à presença otomana. A estas visões (sobretudo francesas, germânicas ou britânicas) há que acrescentar a americana, que pela primeira vez assume protagonismo na região, não só com base em princípios “wilsonianos”, mas também devido à importância estratégica que a região tem para a NATO no seu propósito expansivo a Oriente.

Em segundo lugar, outro aspeto que aproxima e facilita a lateralidade da escrita portuguesa<sup>35</sup> sobre os Balcãs (em relação ao modelo maniqueísta dominante) é o próprio carácter periférico de ambas as regiões em relação à Europa central. O sociólogo português Boaventura Sousa Santos fala, aliás, no estatuto “semi-periférico” de Portugal<sup>36</sup> em relação à Europa como sendo o de uma paradoxal presença ausente ou ausência presente. Quero com isto dizer que os portugueses, ao mesmo tempo que eram vistos pela Europa como “não suficientemente europeus” ou “europeus deficientes” (algo semelhante aos Balcãs e

<sup>32</sup> Ver, por exemplo, sobre a demonização maniqueísta dos sérvios: Tim Judah. *The Serbs: History, Myth and the Destruction of Yugoslavia*. Yale University Press, 1997. Sobre os Balcãs como repositório de “ódios ancestrais”: Simon Winchester. *The Fracture Zone: My Return to the Balkans*. Harper Collins, 2000.

<sup>33</sup> Como distância, entendo aqui uma certa falta de expectativas (negativas ou positivas) no contacto com o lugar, ou seja, uma espécie de “tábua rasa” (embora isso seja impossível). Curiosamente, a escrita portuguesa mais estereotipada e mais próxima do “arquivo” dominante é precisamente aquela que teve pouco contacto com o lugar e que tem tendência para uma visão mais superficial, assim como preconceituosa.

<sup>34</sup> Formas pejorativas que abundaram no discurso europeu por referência aos Balcãs e que em contexto português surgem pouco e quando surgem são provenientes de elites ignaras em relação ao espaço e que estabelecem mimetismos quanto ao discurso dominante, sobretudo quanto àquele proveniente do contexto anglo-saxónico.

<sup>35</sup> É evidente que esta lateralidade pode ser aplicada a outros autores que não os ibéricos e os portugueses em particular, porque não se pode negar a singularidade de cada ser humano, apesar dos contextos antropológicos e sócio-históricos que os constituem. Não mencionar isto, seria como afirmar que apenas os escritores portugueses foram críticos do paradigma dominante de análise do conflito, o que obviamente não é verdade. Por outro lado, é também verdade que há escritores portugueses que alinham pelo mesmo diapasão do paradigma dominante. As explicações que estamos a dar servem apenas para situar essa escrita no plano social, histórico e antropológico, mas isso não significa uma arregimentação geral, como é óbvio.

<sup>36</sup>Boaventura de Sousa Santos. *Pela Mão de Alice*. Afrontamento, 1994.

que os nossos intelectuais muitas vezes interiorizaram: veja-se isso em algumas páginas de Eça de Queirós ou Almeida Garrett<sup>37</sup>), olhavam para fora da Europa com os olhos de um “colonizador central”, o que criou jogos de complexidade inerentes ao carácter “carnavalesco” do colonialismo português, como uma espécie de colonizador “incompetente” na palavras do historiador inglês Charles Boxer<sup>38</sup>. Veja-se também como as correntes racistas brasileiras da primeira metade do século XX – personificadas sobretudo nos escritos de Oliveira Vianna – acusavam Portugal do “atraso” do Brasil (a tal “régua” desenvolvimentista), consequência de os portugueses não serem suficientemente “puros” (tendo em si marcas judaicas e muçulmanas que os tornavam menos “civilizados”) e por isso menos capazes (Vianna acusava mesmo os portugueses de terem “enegrecido” o Brasil e, com isso, tornado impossível que este fosse um país desenvolvido, dada a tendência que via no negro para a preguiça e para a desordem). De facto, o conceito de “semi-periferia” de Sousa Santos (a visão de Portugal como espaço intermédio, uma espécie de “entrelugar” - nas palavras de Homi Bhabha<sup>39</sup> – não suficientemente europeu, o que provocou complexos de inferioridade em muitos dos nossos intelectuais do século XIX, como por exemplo Antero de Quental<sup>40</sup>) é, de certo modo, paralelo ao conceito de “auto-colonização” de Kiossev, já que ainda hoje abundam em Portugal perspectivas que fazem assentar o nosso propalado “sub-desenvolvimento” no facto de não sermos capazes de ser tão práticos como os ingleses, tão profundos como os franceses ou tão eficientes como os alemães<sup>41</sup>. Estas marcas situam a nossa escrita<sup>42</sup> sobre os Balcãs – e a Jugoslávia em particular – num

<sup>37</sup> Ver por exemplo: Almeida Garrett. *Portugal na Balança da Europa*. Livros Horizonte, s.d.

<sup>38</sup> Charles Boxer. *The Portuguese Seaborne Empire: 1415-1825*. Hutchinson, 1977.

<sup>39</sup> Ver a proposta de hibridismo presente no seguinte texto: Homi K. Bhabha. *The Location of Culture*, London: Routledge, 1994.

<sup>40</sup> Ver: Antero de Quental. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 1871, [http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio\\_junho01.html](http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio_junho01.html). Acesso em 06 jan. 10.

<sup>41</sup> De facto, a “semi-periferia” e a “auto-colonização” têm em comum o facto de partirem de uma espécie de etnocentrismo interiorizado que permite a quem aí se situa medir-se como “inferior” perante a “régua” do desenvolvimento, cuja batuta é colocada nos chamados países “centrais”, como sejam a Alemanha, a Inglaterra, a França ou ainda os Estados Unidos. Esse etnocentrismo promove a ideia de deficiência, de falta, em relação a um significante externo visto como mais valioso e até inalcançável. É o que no Brasil se chama vulgarmente de “complexo do vira-lata”. Esta questão é visível, por exemplo, no facto de sucessivos governos portugueses, tanto de esquerda como de direita, terem sempre assumido, no quadro da União Europeia, posições de subserviência em relação aos países centrais.

<sup>42</sup> Respeitando, contudo, a unicidade e singularidade de cada um, em função da sua história e contexto pessoais. É um lugar comum – mas cumpre salientá-lo aqui – que cada ser humano é único e que a sua idiosincrasia surge como traço no espaço da experiência escrita, dependendo do lugar a partir do qual “fala”.

contexto de paridade cultural<sup>43</sup>. De facto, se há algo que se nota na maioria dos escritores portugueses é a ausência de complexos de superioridade (com exceções, claro) em relação à realidade jugoslava com que se confrontam. Talvez por isso, a sua visão seja menos “histórica”<sup>44</sup>, digamos assim, e mais próxima de um “realismo” (com todos os problemas que o conceito levanta) que nada tem de hierático e é sereno pelo seu distanciamento e também pelo seu pasmo (e surpresa) perante a realidade encontrada e as suas diferenças em relação à narrativa televisiva<sup>45</sup>.

De facto, os escritores antes apresentados têm como característica principal a sua diversidade de origens. Existindo a presença da literatura (como é o caso de Álvaro Guerra), temos contudo também o que qualificaríamos de “relato de chancelaria” (no caso de escritores que narram a sua experiência no terreno com base em funções diplomáticas exercidas na região, como é o caso de José Manuel Arsénio, diplomata de carreira, que esteve na guerra como chefe da delegação portuguesa junto da missão de monitores da Comunidade Europeia em Zagreb) e a narrativa militar (derivada de militares portugueses que exerceram funções nos contingentes das Nações Unidas presentes na região, como é o caso de Carlos Branco). Acrescenta-se a isto o jornalismo de investigação, onde destacamos Carlos Santos Pereira (talvez o maior perito português sobre a guerra da Jugoslávia, o que foi facilitado pelo seu conhecimento da região – onde serviu como correspondente ainda durante o “ante bellum” - e pelo seu domínio do idioma servo-croata<sup>46</sup>) e Pedro Caldeira Rodrigues.

O que é que une estes autores? Sobretudo a presença de uma “outra” história e, como tal, de uma “visão lateral”. Lateral precisamente no seu sentido de desafio ao modelo de interpretação dominante ao qual poderíamos chamar “paradigma CNN”<sup>47</sup>. Poderiam entrar nesta visão a anteriormente mencionada Christiane Amanpour, mas também o escritor Robert Kaplan ou o jornalista do “The Guardian” Ed Vulliamy. Vulliamy é,

<sup>43</sup> Em jeito de brincadeira, e depois de vários anos de vida na região, eu costumava defender perante alguns amigos meus (sérvios, croatas, búlgaros, etc.) este estatuto intermédio das duas penínsulas (balcânica e ibérica), ironizando que se tratavam da “Eurásia” e da “Afropa”.

<sup>44</sup> O termo é de qualidade dúbia, mas não encontrei outro melhor para explicar o que queria dizer.

<sup>45</sup> Conta-se que a jornalista da CNN Christiane Amanpour narrou o cerco de Sarajevo sem nunca ter saído do hotel “Holiday Inn”, o que é curioso dado o carácter apodítico daquilo que ia dizendo. De facto, a guerra da Jugoslávia foi o impulso que lhe faltava para a sua futura carreira como “pivot”, que é globalmente conhecida, o que não deixa de ter o seu tom cínico.

<sup>46</sup> Ou croato-sérvio.

<sup>47</sup> Ou “arquivo”, ou “episteme”.

contudo, um caso particular. Ao contrário de Amanpour, o seu registo é o do jornalismo de investigação escrito e não visual. Isso poderia proporcionar-lhe uma visão menos maniqueísta. Contudo, uma análise ao texto que escreveu sobre a guerra na Bósnia revela que, de facto, os crimes cometidos contra sérvios são praticamente obliterados da sua narrativa. Vulliamy tornou-se “estrela” do jornalismo de investigação pela sua “descoberta” dos “campos de concentração” de Trnoplje e Omarska, no Norte da Bósnia, junto à cidade de Prijedor. A sua narrativa concentra-se em bósnios esfomeados e bósnias violadas. Não nego que isso tenha acontecido; no entanto, o mesmo seria possível de dizer sobre os crimes cometidos contra aldeias em que a população sérvia foi obliterada. Contudo, o primeiro capítulo do seu livro chama-se “as armas dos sérvios” (como se os outros não as tivessem); isso diz muito<sup>48</sup>.

Esta nomeação (“paradigma CNN”) irónica responde assim à ideia de uma visão fechada, vinda do interior de um quadrilátero interpretativo pouco contaminado pela experiência direta e, portanto, menos profundo e marcado por preconceitos anteriores a qualquer contacto com a vivência no lugar. Essa visão é feita para consumo rápido e não abraça a complexidade do real. É uma visão feita de “certezas” antecipadas e não de questões surgidas (e como os Balcãs levantam questões! Imensas!). Isto revela a presença de conceitos antecipatórios (ou literalmente “pré-conceitos”) que levam a olhar para a realidade com base em categorias pré-estabelecidas sem autorizar que estas possam ser desconstruídas em função do encontro<sup>49</sup>.

Por outro lado, o que encontro na maioria dos escritores portugueses é precisamente o contrário, ou seja, o deixarem-se tocar por uma realidade que desconhecem, formando juízos a partir dessa “zona de contacto” e de aceitação do complexo, do polimórfico, do multifacetado com as suas linhas de modelação discursiva. Neste contexto, posso mesmo avançar com uma visão pessoal (não será toda a escrita autobiográfica?): quando fui colocado na Bulgária como Leitor de língua e cultura portuguesas, parti para esse espaço sem qualquer tipo de expectativas tanto positivas como negativas. Isso foi essencial para que

<sup>48</sup> Ver: Ed Vulliamy. *The War is Dead, Long Live the War: Bosnia: The Reckoning*. Vintage Books, 2013.

<sup>49</sup> Se pensarmos nos viajantes europeus do “Grand Tour”, percebemos que este tipo de categorias nada tem de novo, simplesmente reproduzem estereótipos presentes na visão central da modernidade e que se foram replicando ao longo dos anos. O próprio Bismarck dizia que “os Balcãs não valiam os ossos de um único granadeiro pomeriano”. Ver: Yeh, Puong Fei. *Balkans Are Not Worth The Cost*, 2000. <https://www.chicagotribune.com/news/ct-xpm-2000-03-31-0003310036-story.html>. Acesso em 19 mar. 2021.

me deixasse impregnar pelo insólito e pelo mistério das coisas que paulatinamente fui descobrindo. Essa ausência de “exotismo”<sup>50</sup> acabou por ser uma mais-valia porque me permitiu aprofundar os meus conhecimentos sobre a região sem os ver em função de categorias antecipatórias (como as de “barbarismo”, “primitivismo”, “caótico”, etc.). Tal processo facilitou uma paridade no encontro que não vejo muitas vezes repetida, mas que descobri paradoxalmente na escrita portuguesa que me proponho explorar. É precisamente este o plano a partir do qual apresento tal panorama, ou seja, no sentido de a tentar aproximar à minha própria experiência existencial, que me permitiu conhecer – e amar – a região, ao ponto de sentir hoje uma imensa saudade dos tempos que lá passei e do modo como estes reconfiguraram a minha própria identidade em trânsito. Posso, aliás, dizer hoje que me sinto, de certa forma, “balcânico” (e não de um país em especial, ou seja, búlgaro, croata, sérvio, etc.). Embora o meu domínio dos idiomas seja fraco (apesar de, como se diz no Brasil, “eu me virar”), lembro com saudade a nitidez da mudança das estações do ano, o ruído dos passos na neve, o cheiro dos fogões a lenha no Inverno, o aroma dos grelhados, o sabor da “rakia” (ou “rakija”), o cheiro das tília na Primavera, a intensidade do calor nos Verões, o olhar das pessoas, um misto de melancolia e hospitalidade, etc.: tudo coisas que levo na minha bagagem como próprias, porque me apropriei delas e as tornei pessoais. Aliás, possuo comigo diários de viagem que são pequenos apontamentos de reflexão, talvez um dia publicáveis.

## REFERÊNCIAS

- Arsénio, José Manuel. *O Sobrevento Jugoslavo: A Tragédia Balcânica Presenciada por um Português*. Prime Books, 2007
- Bhabha, Homi K. *The Location of Culture*. Routledge, 1994.
- Boxer, Charles. *The Portuguese Seaborne Empire: 1415-1825*. Hutchinson, 1977.
- Branco, Carlos. *A Guerra nos Balcãs: Jihadismo, Geopolítica e Desinformação*, Colibri, 2016.
- Garrett, Almeida. *Portugal na Balança da Europa*. Livros Horizonte, s.d.
- Glenny, Misha. *The Balkans: Nationalism, War and The Great Powers*. Anansi Press, 2012.
- Goldsworthy, Vesna. *Inventing Ruritania: The Imperialism of the Imagination*. Hurst & Co., 1998.
- Guerra, Álvaro. *Crónicas Jugoslavas*. Dom Quixote, 1996.

50 Talvez por isso eu tenha tido dificuldade em perceber o porquê do conceito de “exótico” quando aplicado a mim.



- Hobsbawm, Eric y Terence Ranger, eds. *The Invention of Tradition*. C.U.P., 2012.
- Judah, Tim. *The Serbs: History, Myth and the Destruction of Yugoslavia*. Yale University Press, 1997.
- Kaplan, Robert. *Balkan Ghosts: A Journey Through History*. Vintage Press, 1996.
- Kiossev, Alexander. *The Self-Colonizing Metaphor*. <http://monumenttotransformation.org/atlas-of-transformation/html/s/self-colonization/the-self-colonizing-metaphor-alexander-kiossev.html>. Acesso em 16 mar. 2021.
- Konstantinov, Aleko. *Bay Ganyo: Incredible Tales of a Modern Bulgarian*. University of Wisconsin Press, 2010.
- Mazower, Mark. *The Balkans: A Short History*. Random House, 2000.
- Nazareth, Francisco. *Monumentalidade Apócrifa: Discurso, Currículo e Poder*. 2017. Universidade da Porto, Tese de Doutoramento.
- Pereira, Carlos Santos. *Da Jugoslávia à Jugoslávia: Os Balcãs e a Nova Ordem Europeia*. Cotovia, 1999.
- Quental, Antero de. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 1871. [http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio\\_junho01.html](http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio_junho01.html). Acesso em 06 jan. 2010.
- Rodrigues, Pedro Caldeira y Stevan Niksic. *O Vírus Balcânico: O Caso da Jugoslávia*. Assírio & Alvim, 1996.
- Santos, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*. Afrontamento, 1994.
- Santos, José Rodrigues dos. “A Desintegração da Jugoslávia”. *Crónicas de Guerra: Volume II*. Gradiva, 2012, pp. 283-527.
- Todorova, Maria. *Imagining the Balkans*, O.U.P., 1997.
- Vulliamy, Ed. *The War is Dead, Long Live the War: Bosnia: The Reckoning*. Vintage Books, 2013.
- Weber, Eugene. *Peasants Into Frenchmen: The Modernization of Rural France*. S.U.P., 1976.
- Winchester, Simon. *The Fracture Zone: My Return to the Balkans*. Harper Collins, 2000.
- Yeh, Puong Fei. *Balkans Are Not Worth The Cost*, 2000. <https://www.chicagotribune.com/news/ct-xpm-2000-03-31-0003310036-story.html>. Acesso em 19 mar. 2021.